



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
RESIDÊNCIA VETERINÁRIA - CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS
ANIMAIS

GABRIELA SILVA SANTOS BARBOSA

BENEFÍCIOS DA INTERAÇÃO COM ANIMAIS NA SAÚDE HUMANA

São Paulo - SP
2025

Gabriela Silva Santos Barbosa

BENEFÍCIOS DA INTERAÇÃO COM ANIMAIS NA SAÚDE HUMANA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

Orientadora: MV, DVM, PhD Denise Schwartz

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: BARBOSA, Gabriela Silva Santos.

Título: BENEFÍCIOS DA INTERAÇÃO COM ANIMAIS NA SAÚDE HUMANA

Monografia apresentada à Comissão de Residência Multiprofissional da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para conclusão da residência em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais - Clínica Médica. Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Swhuartz.

Data: / /

Banca Examinadora

Profa.

Instituição: Universidade de São Paulo Julgamento: _____

Profa.

Instituição: Universidade de São Paulo Julgamento: _____

Profa.

Instituição: Universidade de São Paulo Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Por inúmeros momentos ao longo desses dois anos eu não imaginei que estaria escrevendo o TCR e finalizando um dos ciclos mais importantes da minha vida. Não achei que conseguiria chegar até aqui, e hoje, agradeço à tantas pessoas que foram responsáveis por me fazer acreditar em mim mesmo e continuar. Sempre me faltaram palavras suficientes que consigam expressar a minha gratidão à Deus pela proteção e por ter me abençoado com uma família tão incrível, acolhedora, que nunca mediram esforços para me ajudar em todos os pequenos e grandes passos dessa jornada acadêmica. Vir à São Paulo pela primeira vez fazer a prova da USP foi uma das idéias mais inusitadas e ao mesmo tempo corajosas que já tive, e quando falei isso à eles, eles me apoiaram todos os dias desde esse momento de estudos até hoje, finalizando esse ciclo de residência. Mesmo a mais de 1500km de distância, essas quatro pessoas nunca permitiram que eu me sentisse sozinha e desamparada. Sempre ouviram meus choros, minhas reclamações, minhas frustrações e também as inúmeras alegrias e aprendizados aqui vividos. Mainha, painho, isa e vovó cleusa, eu não teria conseguido sem vocês. Minha eterna e imensa gratidão por tê-los na minha vida. Agora, minha eterna gratidão aos dois serezinhos de luz que literalmente não me deixam sozinha um minuto e que enchem a minha vida de alegria, amor e força de vontade. Minhas queridas gatinhas Nina e Moonzinha, vocês são a minha família em São Paulo, a razão pela qual sorrio ao chegar em casa e o motivo que faz eu me lembrar da importância e graciosidade da profissão que exerço. Trato os meus pacientes como eu gostaria que vocês fossem tratadas e quero prover a mesma saúde, cuidado e carinho para eles como eu desejo para vocês duas. Chegar em casa e vê-las é o que me manteve aqui, forte e com uma razão para continuar, com nossa família distante. Em todas as minhas crises, vocês sempre perceberam e ficaram ali paradinhas ao meu lado. Muito obrigada, minhas filhas, por me ensinarem sobre amor sem usar palavras, e por me incentivarem a buscar ser a minha melhor versão como profissional. As minhas colegas de apartamento, que antes eram completas desconhecidas indo em direção à residência, e hoje são a minha família também, meu muito obrigada. Olguete e Gica, obrigada pela companhia, amizade, cuidado e apoio que sempre se fez presente desde o início. Vivemos tudo isso intensamente, diariamente, e cada momento de alegria e dificuldade foi compartilhado com vocês. Não teria conseguido também, sem vocês, nos dias que eu não conseguia levantar

da cama ou que não via razão para continuar, vocês sempre estiveram lá, demonstrando amor e cuidado nas suas mais variadas formas “se eu fizer um strogonoff você come?” “vou trazer pão para você comer” “já levantou hoje?” “está precisando de algo?”. Eu nunca vou me esquecer. Muito obrigada. As filhas também agradecem pelo carinho, pela receptividade com elas e por cuidarem delas enquanto eu estive distante. Nós amamos vocês. Ao meu grupo Canal Olga news, muito obrigada pela ajuda, amizade, companheirismo e todos os momentos que vivemos juntas aqui. Sentirei muitas saudades de todas, amo muito vocês: Gabi, Yas, Ivy e Vi. Vocês também se tornaram a minha família. Ao nosso café com cef, querida junção entre R1s e R2s, gostaria de agradecer-los por todo acolhimento e ajuda no início da residência e pela amizade que foi construída ao longo dela, se mantendo até hoje, mesmo com alguns distantes brilhando lá fora. Agradeço muito por cada um e sentirei muita falta de todos. Aos meus Rparças, que alegria ter vivido a residência com vocês. São pessoas que admiro e torço muito. Obrigada por toda ajuda no caminho, vocês são demais. Aos meus preceptores, gratidão por todo aprendizado e apoio, especialmente esse ano, onde passei por fases difíceis onde pensei que não iria conseguir. Em especial, agradeço à Denise - minha mãe Dê-, Tali vulgo a minha talíssima, a Flor - minha mãe flor e ao meu amigo Caio. Sempre senti que podia contar com vocês, para desabafar e por ser apoio com a minha família distante. Todas as vezes que eu pensei em desistir, vocês estiveram lá para me fazer lembrar que eu era capaz de continuar. Muito obrigada, vocês são profissionais incríveis e humanos, amo vocês. E por fim, agradeço também à minha psicóloga Bianca e à psiquiatra Camila, que nunca me desampararam e estiveram ali comigo me ajudando em fases muito desafiadoras e difíceis. A residência me ensinou muito mais que conhecimento técnico sobre veterinária. Me transformou em alguém mais forte, resiliente, compreensiva e disposta a ajudar os outros, trabalhar em equipe. Me mostrou a importância do cuidado em todos os âmbitos e de como a empatia deve estar presente no nosso dia a dia. E, para finalizar, agradeço à cada pacientinho que eu pude atender, conhecer e me dedicar, bem como alguns tutores especiais que pude conhecer. Ieda, Margot e meu anjinho Toretto, vocês marcaram a minha residência.

RESUMO

BARBOSA, S, S, G. Benefícios da interação com animais na saúde humana. 2025. Trabalho de Conclusão do Curso de Residência em Clínica Médica de pequenos animais na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

A interação entre humanos e animais tem sido amplamente estudada, destacando os benefícios para a saúde e o bem-estar das pessoas. O impacto positivo dos animais de estimação no desenvolvimento emocional e social das crianças, assim como na saúde mental de indivíduos de diferentes idades, é um dos principais focos dessas pesquisas. Desde a década de 1960, com os trabalhos pioneiros de Boris Levinson, as Intervenções Assistidas por Animais (IAA) se expandiram, inicialmente usadas para tratamentos terapêuticos e, atualmente, também em ambientes educacionais e sociais. Essas práticas têm demonstrado benefícios tanto no tratamento de doenças físicas e psicológicas quanto no apoio à aprendizagem e no fortalecimento do sistema imunológico. A presença de animais pode reduzir o estresse e promover o apoio social, com impactos positivos na autoestima, empatia e habilidades sociais, não só em crianças, mas também em adultos e idosos, especialmente em contextos terapêuticos. Este estudo descreve os efeitos das interações humano-animal, focando no impacto da convivência com animais de estimação no desenvolvimento infantil e na saúde mental em várias faixas etárias. Também explora as aplicações terapêuticas das IAA em clínicas, escolas e centros de reabilitação, além de discutir a implementação dessas práticas no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando os benefícios e desafios dessa integração em políticas públicas. O objetivo é entender como essas interações podem ser uma ferramenta eficaz no cuidado da saúde mental e no desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais.

Palavras-chave: Interação humano-animal, desenvolvimento infantil, saúde mental, bem-estar, terapias assistidas por animais, SUS.

ABSTRACT

BARBOSA, S, S, G. Benefits of interaction with animals for human health.2025.

Trabalho de Conclusão do Curso de Residência em Clínica Médica de pequenos animais na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025

The interaction between humans and animals has been widely studied, highlighting the benefits for people's health and well-being. The positive impact of pets on the emotional and social development of children, as well as on the mental health of individuals of different ages, is one of the main focuses of this research. Since the 1960s, with the pioneering work of Boris Levinson, Animal-Assisted Interventions (AAI) have expanded, initially used for therapeutic treatments and, currently, also in educational and social settings. These practices have shown benefits both in the treatment of physical and psychological illnesses and in supporting learning and strengthening the immune system. The presence of animals can reduce stress and promote social support, with positive impacts on self-esteem, empathy and social skills, not only in children but also in adults and the elderly, especially in therapeutic contexts. This study describes the effects of human-animal interactions, focusing on the impact of living with pets on child development and mental health in various age groups. It also explores the therapeutic applications of AAI in clinics, schools and rehabilitation centers, in addition to discussing the implementation of these practices in the Unified Health System (SUS), considering the benefits and challenges of this integration in public policies. The objective is to understand how these interactions can be an effective tool in mental health care and in the development of emotional and social skills.

Keywords: Human-animal interaction; child development; mental health; well-being; animal-assisted, therapies; SUS.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO.....	10
3. METODOLOGIA.....	10
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
4.1. INTERAÇÃO SOCIAL HUMANO-ANIMAL.....	11
4.2IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	13
4.3 EFEITOS SOCIAIS E TERAPÊUTICOS.....	15
4.4 IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR	19
4.5 TERAPIAS ASSISTIDAS COM ANIMAIS.....	21
4.5.1 TERAPIAS ASSISTIDAS E SUS.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da interação humano-animal baseiam-se em cinco aspectos, sendo eles, o papel dos animais de estimação na saúde cardiovascular, correlatos da contribuição dos animais de estimação na saúde de idosos, o papel dos animais de estimação no desenvolvimento infantil, o papel dos animais de estimação nos efeitos sociais e terapêuticos e a segurança e riscos nos relacionamentos entre pessoas e animais de estimação (NIH, 1987). Neste trabalho iremos abordar principalmente os benefícios e implicações da interação humano-animal no desenvolvimento infantil e na saúde humana em todas as faixas etárias, correlacionando com possíveis abordagens terapêuticas que vêm sendo estudadas e desenvolvidas atualmente.

A prática atual de incorporar animais em programas que auxiliam no tratamento de problemas físicos e psicológicos tem suas raízes nos estudos do psicoterapeuta infantil Boris Levinson, nas décadas de 1960 e 1970 (Levinson, 1969, 1972). Desde esse período, as intervenções assistidas por animais (IAA) se expandiram de maneira considerável, sendo aplicadas de forma cada vez mais ampla e com foco terapêutico. Hoje em dia, as IAA são utilizadas por pessoas de diversas faixas etárias e podem ser encontradas em diversos ambientes, como clínicas médicas e psicológicas, escolas, universidades, locais de trabalho, centros comunitários, instituições de reabilitação juvenil e até mesmo em prisões (Griffin et al., 2011).

Muitas crianças crescem com um animal de estimação, muitas vezes considerando-o como parte da família ou até mesmo como um melhor amigo (Melson, 2001). Apesar de ser uma relação comum, ainda existem várias questões sem resposta sobre como os animais de estimação afetam o desenvolvimento das crianças. Além de oferecer apoio social e ajudar a reduzir o estresse e a angústia, duas áreas que têm ganhado destaque e parecem promissoras para futuras pesquisas são a influência das IAAs na aprendizagem e no fortalecimento da função imunológica (McCardle et al., 2011).

A adoção de animais de estimação é uma prática cada vez mais comum em diversas partes do mundo que se torna essencial entender os benefícios e desafios que essas relações podem trazer para o ambiente doméstico. Nesse contexto, o presente estudo objetivou realizar uma revisão de literatura acerca das interações entre

humano e animal e seus benefícios, bem como discutir suas possíveis aplicações terapêuticas no cotidiano.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O presente estudo, tem como objetivo, investigar, por meio de revisão de literatura, os efeitos e benefícios da interação entre humanos e animais, com foco no desenvolvimento infantil, na promoção da saúde mental e no uso terapêutico das Intervenções Assistidas por Animais (IAA) em diferentes contextos sociais e institucionais.

2.2 Objetivos Específicos

1. Analisar os principais efeitos das relações entre humanos e animais no desenvolvimento sócio emocional e psicológico de crianças.
2. Discutir os impactos positivos da convivência com animais na saúde mental e no bem-estar de indivíduos de diferentes faixas etárias.
3. Apresentar as modalidades e aplicações das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), como Terapia, Atividade e Educação Assistida.
4. Explorar as evidências científicas sobre os benefícios das IAA em contextos clínicos, educacionais, familiares e institucionais.
5. Investigar a inserção das práticas com animais nos serviços públicos de saúde, especialmente no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), e suas implicações políticas e sociais.

2. METODOLOGIA

Para o presente estudo, foi utilizada literatura publicada em artigos e outros trabalhos científicos como dissertações e teses, por meio das palavras-chave human-animal interaction, child development, mental health, well-being, animal-assisted, therapies SUS, sem filtro em relação ao ano de publicação para abranger o maior número de trabalhos. As bases de dados virtuais foram PubMed, Google Acadêmico Brasil, Ministério da Saúde e Scielo. Diante disso, foram selecionados 76 artigos para a base literária e desenvolvimento do trabalho e o período variou entre o ano de 1980 a 2025.

3. REVISÃO DE LITERATURA

4.2 INTERAÇÃO SOCIAL HUMANO-ANIMAL

Até recentemente, a sociologia pouco considerava as relações entre humanos e animais. De acordo com Rollin (2019), isso se devia a uma visão limitada, influenciada pelo chamado "senso comum da ciência". Nessa perspectiva, os animais não humanos eram frequentemente vistos como seres irracionais, sem emoções, movidos apenas por reações e incapazes de compreender ou planejar, vivendo apenas no momento presente. As relações das pessoas com esses animais eram muitas vezes tratadas como ilusórias ou fruto de interpretações antropomórficas equivocadas (Rolim 2019).

Sanders (2003) contra-argumenta, abordando a questão de como as pessoas passam a reconhecer as características e identidades únicas de seus animais de estimação por meio da convivência diária, desenvolvendo até mesmo uma relação de amizade, carinho e amor. Na sequência, o trabalho analisa a relação com animais de companhia como uma forma de amizade. Assim como ocorre entre seres humanos, esse tipo de vínculo pressupõe intersubjetividade — ou seja, uma compreensão mútua entre os envolvidos. Argumenta-se que o ato de brincar requer que ambos os participantes avaliem a situação, considerem a perspectiva do outro e tomem decisões conjuntas com base em regras compartilhadas.

Na relação entre uma pessoa e seu animal de estimação, o cuidador costuma enxergar o animal, antes de tudo, como um representante da sua espécie. Com isso, ele ou ela recebe características que normalmente são associadas a essa espécie. Contudo, o cuidador vai além dessa "identidade básica" ao considerar também as "características da raça" do animal de estimação. Em certa medida, o conhecimento sobre as características das espécies faz parte da cultura popular em geral (Araújo et al. 2024). A maior parte dos estudos sobre as relações entre humanos e animais foca em como as pessoas começam a ver seus animais de estimação como seres únicos, a entender o que eles sentem e pensam, e a lidar com o dia a dia com base nesse entendimento (Cabral e Savalli 2017).

Uma das conexões mais importantes entre identidade e relações com animais de estimação está no impacto que esses animais têm na forma como os cuidadores são socialmente definidos. Os animais de estimação representam aspectos

significativos do estilo de vida, dos interesses pessoais e das identidades de seus cuidadores (Aylesworth et al. 1999). Além disso, ter animais de estimação é visto como um reflexo da natureza sociável e atenciosa da pessoa (Lockwood, 1983). O impacto da associação com um animal de companhia na formação da identidade é especialmente evidente quando pessoas e animais estão juntos em público, atuando como “facilitadores sociais” (Robins et al. 1991).

As pessoas geralmente interpretam sua relação com os animais de estimação considerando-os como “membros da família” (Cain, 1983; Voith, 1983). Além disso ou, junto com essa ideia, os cuidadores costumam descrever seus pets como amigos “especiais” ou “íntimos” (Stallones et al., 1988). Brincar é uma forma de interação social em que os participantes compartilham um objetivo e seguem regras implícitas sobre como agir. A brincadeira deve ser leve e prazerosa (Mitchell et al. 2018). Entre humanos e animais, brincar é uma interação central, sem foco em vencer ou perder, o principal objetivo é manter a conexão entre os dois (Stallones et al., 1988).

Quando os mesmos animais e humanos interagem com frequência, isso pode resultar na formação de um vínculo duradouro entre eles (Hemsworth et al., 1993). Esse tipo de relação tem sido amplamente estudado, especialmente em situações que envolvem animais domesticados. As interações entre humanos e animais podem ser percebidas como positivas, neutras ou negativas por ambos os envolvidos (Waiblinger et al., 2006). Essa percepção influencia diretamente se a relação entre eles será, no geral, positiva, neutra ou negativa. Além do tipo de interação, outros fatores também afetam como ela é interpretada (Waiblinger et al., 2006).

Desde o final da década de 1970, estudos científicos têm demonstrado que o contato com animais de estimação pode trazer benefícios ao bem-estar físico e mental das pessoas. Essa área passou a ser amplamente reconhecida a partir da década de 1980, com a criação de sociedades científicas e a realização de conferências internacionais. Reduções temporárias na pressão arterial e/ou na frequência cardíaca têm sido observadas em indivíduos durante o contato tátil com animais. Esse efeito fisiológico, amplamente documentado na literatura, aparece repetidamente em estudos que investigaram a prática de acariciar ou afagar animais (Katcher et al. 1983, Vormbrock & Grossberg, 1988; Allen, 2003).

A primeira evidência empírica de uma associação entre a presença de animais de estimação e benefícios à saúde humana foi apresentada por Friedmann, Katcher, Lynch e Thomas (1980), em um estudo com 92 pacientes que haviam sofrido infarto do miocárdio. Os dados indicaram que 28% dos indivíduos que possuíam animais sobreviveram por, pelo menos, um ano após o evento cardíaco, enquanto a taxa de sobrevivência entre aqueles sem animais foi significativamente menor, alcançando apenas 6%. Esses achados sugerem uma possível influência positiva da convivência com animais na recuperação e na sobrevivência de pacientes cardíacos.

4.2 IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Indivíduos na transição da infância para a adolescência passam por mudanças biológicas, cognitivas e sociais (Schoen-Ferreira et al., 2003). Na pré-adolescência (9 a 12 anos), essas transformações afetam a forma como lidam com o desenvolvimento da identidade e a autonomia (Schoen-Ferreira et al., 2003). É nesse período que as crianças começam a avaliar mais profundamente a si mesmas. Estudos indicam que a autoestima tende a crescer da pré-adolescência para a adolescência (Wallace et al., 1984).

Segundo Purewal et al., 2017, diferentes formas de apoio, como conversas íntimas com avós, pais e mães, e interações com animais de estimação, estavam associadas a um funcionamento sócio emocional mais saudável em crianças de 7 a 10 anos. Essas crianças viam seus animais como amigos especiais. Em outro estudo, Jacobson e Chang (2018) também referem que jovens donos de animais sentiam que seus animais demonstravam constância, empatia e afeição. O comportamento de um animal pode ser visto como um reforço positivo quando ele oferece carinho incondicional ao seu dono.

A maior parte da literatura disponível aponta que os animais de estimação têm uma influência positiva na vida de seus donos (Levinson, 1972; Ottney Cain, 1985; Robin e Ten Benseel, 1985). Robin e Ten Benseel (1985) afirmam que o desenvolvimento dos pré-adolescentes envolve diversas tarefas que podem ser facilitadas pela presença de um animal de estimação. Levinson (1972) considera o animal de estimação um recurso importante para essa fase, pois é visto como uma responsabilidade e um amigo. No entanto, ele também sugere que, durante a pré-adolescência, o animal pode

ser utilizado para atender a necessidades psicossociais, caso o jovem perceba o animal como uma fonte de apoio.

O impacto psicológico dos animais de estimação nas crianças tem sido abordado em alguns estudos, com a maioria dos resultados indicando efeitos positivos. Pesquisas descritivas revelaram que, em algumas crianças do ensino fundamental, os animais de estimação ajudam a aumentar a autonomia, o autoconceito e a autoestima (Van Houtte, B. A. Jarvis, P. A. 1995). Além disso, foram encontradas relações positivas entre o apego aos animais de estimação e outros aspectos psicossociais em crianças de diferentes idades. Por exemplo, em crianças do jardim de infância, observou-se uma relação entre a competência percebida pelos pais em relação aos filhos e o apego aos animais de estimação, assim como entre a empatia auto relatada e o apego aos animais em meninos da mesma faixa etária (Melson et al 1988).

Em outras pesquisas com crianças em idade escolar, foi observado que as crianças que preferem cães e gatos tendem a ter níveis mais altos de empatia do que aquelas que preferem apenas um tipo de animal. Além disso, crianças altamente apegadas aos seus animais de estimação demonstraram ser mais empáticas do que aquelas com menor apego (Daly B., Morton 2006).

Pesquisas conduzidas por Gee e colaboradores avaliaram o impacto da presença de um cão de terapia no desempenho de crianças em idade pré-escolar, tanto com desenvolvimento típico quanto atípico, em diferentes tipos de tarefas. Os achados indicam que a presença do animal favoreceu o aumento da velocidade na execução de tarefas motoras, sem prejuízo na precisão, quando comparada a condições sem o cão (Gee et al., 2007). Em outro estudo, observou-se que crianças com e sem comprometimento da linguagem seguiram com maior eficácia as instruções em uma atividade de imitação motora na presença do cão, em comparação à presença de um adulto ou de um cão de pelúcia (Gee et al., 2009). Adicionalmente, foi constatada uma redução nos erros cometidos em uma tarefa de categorização de objetos (Gee et al., 2010) e uma menor necessidade de instruções em atividades de memória na presença do cão (Gee et al., 2010). De forma complementar, Kotrschal e Ortbauer (2003) também verificaram que a presença de um cão aumentou os níveis de atenção das crianças.

4.3 EFEITOS SOCIAIS E TERAPÊUTICOS

A ideia de que os animais podem influenciar a vida e o comportamento humano é explorada em um campo de estudo denominado Interação Humano-Animal (IHA). Esse campo busca descrever e compreender os efeitos decorrentes das diversas formas, intensidades e frequências de interações entre seres humanos e animais não humanos (Fournier et al., 2016; Rodriguez et al., 2021).

O simples ato de interagir com um animal já pode ser considerado uma manifestação de comportamento social. Diversos estudos têm explorado como a presença de um animal dócil influencia a forma como as pessoas percebem umas às outras e como isso pode incentivar interações sociais. Esse fenômeno, chamado de "efeito catalisador social", descreve a capacidade dos animais de facilitar o contato interpessoal entre humanos (Beetz et al., 2012).

Em contextos educacionais, a presença de um cão em sala de aula demonstrou ter efeitos positivos na socialização entre alunos do primeiro ano, evidenciados tanto por medidas psicométricas indiretas (Hergovich et al., 2002) quanto por observação direta dos comportamentos (Kotrschal e Ortbauer, 2003). Já em ambientes familiares, Paul e Serpell (1996) observaram que, um mês após a aquisição de um cão, famílias consideradas dentro do padrão típico passaram a participar mais de atividades de lazer coletivas, e os filhos dessas famílias passaram a receber mais visitas de amigos. Em muitos desses estudos, as mudanças nas interações sociais foram avaliadas não por observação direta, mas através de métodos indiretos.

A utilização de cães com objetivos terapêuticos ou educacionais é conhecida como cinoterapia, prática que tem ganhado espaço em áreas como psicologia, psiquiatria, fonoaudiologia e fisioterapia (Ferreira, 2012). Nessa abordagem, o cão atua como um coterapeuta, contribuindo para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo de pessoas com necessidades especiais. Para que esse papel seja desempenhado com eficiência, o animal deve passar por um processo rigoroso de seleção, que inclui avaliação veterinária completa, verificação do protocolo vacinal, testes comportamentais e participação em programas específicos de adestramento (Silva et al., 2015).

Embora diversas raças — inclusive animais sem raça definida — possam ser utilizadas, Labrador Retriever e Golden Retriever são frequentemente preferidos pela docilidade, estabilidade comportamental e facilidade de treinamento (Ferreira, 2012).

Inserida no conjunto das terapias assistidas por animais e considerada uma modalidade relativamente recente, a cinoterapia apresenta resultados expressivos na recuperação de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. O cão, integrado ao processo clínico, estimula a motivação, autoestima e foco, facilitando a execução das atividades planejadas pela equipe de saúde. Mesmo atuando como elemento complementar dentro de uma abordagem interdisciplinar, sua presença mostra-se decisiva para fortalecer o vínculo terapêutico e ampliar os benefícios clínicos (Hack e Santos 2017).

Um cão de serviço é caracterizado como um animal treinado individualmente para realizar tarefas específicas que atendam às necessidades de uma pessoa com deficiência (Modlin et al 2000, Kruger 2010). Entre os exemplos mais conhecidos estão os cães-guia, que auxiliam indivíduos com deficiência visual na locomoção segura e na identificação de obstáculos; os cães de alerta ou sinalização, que informam pessoas com deficiência auditiva sobre sons relevantes, como toque telefônico ou alarmes; e os cães de assistência à mobilidade, capazes de colaborar com atividades físicas ao alcançar objetos fora do alcance, puxar cadeiras de rodas, abrir portas e executar outras ações que ampliam a autonomia do tutor (Modlin, 2000; Sachs-Ericsson et al, 2002; Matuszek, 2010),

Nos últimos anos, esse espectro de atuação tem se expandido, dando origem a novos perfis de cães de serviço. Destacam-se, por exemplo, aqueles treinados para crianças com transtorno do espectro autista, que podem auxiliar na autorregulação, favorecer habilidades sociais e aumentar a segurança (Grandgeorge 2017). Incluem-se ainda os cães de alerta para diabetes, capazes de identificar episódios de hipoglicemia (Stocks et al 2002; Weels et al 2009, Hooney et al., 2013), e os cães de serviço psiquiátrico, que oferecem suporte funcional e emocional a indivíduos com depressão, transtornos de pânico e estresse pós-traumático (Esnayra, 2007; Marshall 2012).

Estudos como os de Hart et al. (1987) e Eddy et al. (1988) mostraram que a companhia de um cão de serviço promoveu uma atenção social mais amigável, sorrisos e conversas de outras pessoas para aqueles em cadeiras de rodas. Além disso, crianças com transtornos globais do desenvolvimento, incluindo autismo, demonstraram ser mais brincalhonas ao interagir com um cão vivo do que com brinquedos, além de estarem mais atentas ao seu ambiente social quando o cão estava presente (Martin e Farnum, 2002).

Em 1987, o uso de cães-guia era predominantemente restrito a indivíduos com deficiência visual, sendo observado pelo painel que "recentemente, animais com funções análogas demonstraram eficácia igualmente significativa para pessoas com deficiência auditiva". Nos dias atuais, os animais-guia desempenham um papel crucial no apoio a pessoas com uma ampla gama de condições e deficiências, tanto de natureza física quanto psicológica, favorecendo a promoção de uma vida mais independente e plena (McCune 2014). Fatores como avanços no entendimento social, bem como progressos científicos e médicos, contribuíram para a ampliação da conscientização pública e da compreensão acerca de transtornos como os transtornos do espectro autista e o transtorno de estresse pós-traumático, especialmente no contexto de veteranos de guerra (Sanders, 2003).

Uma função recentemente atribuída para cães na área da saúde é a de "cão de detecção". Esta função abrange cães com a capacidade de "prever" a ocorrência de convulsões (Strong et al, 2000) e identificar quedas nos níveis de glicose em pessoas com diabetes (Stocks et al 2002).

O cão tem sido apontado como um "sistema de alarme biocompatível e favorável ao paciente" no reconhecimento de episódios de hipoglicemia (Williams C, et al. 2002). Relatos de caso demonstram que cães de companhia podem, espontaneamente, apresentar comportamentos específicos diante da queda dos níveis glicêmicos de seus tutores. Entre as respostas comportamentais mais frequentes estão vocalizações, esfregar o focinho, lambe, morder, pular e fixar o olhar no indivíduo (Rooney et al 2013). Evidências indicam que cães são capazes de responder tanto à hipoglicemia quanto à hiperglicemia de seus tutores; contudo, ainda não há consenso sobre qual estímulo, de fato, desencadeia essas respostas. A hipótese mais aceita é a detecção de sinais olfativos, sobretudo porque muitos animais demonstram comportamentos de alerta mesmo quando o tutor está dormindo, situação na qual a emissão de sinais

comportamentais é mínima — embora alterações respiratórias possam ocorrer (Weels et al 2009).

Rooney e colaboradores, em 2013, realizaram um estudo para avaliar a confiabilidade de cães treinados na identificação de episódios de hipoglicemia e os impactos dessa intervenção no controle glicêmico e no bem-estar dos tutores. Os dezessete participantes relataram efeitos positivos, como redução de chamadas de emergência, menos episódios de inconsciência e maior independência. Os registros indicaram que os cães alertaram com precisão significativa, embora variável, tanto na hipoglicemia quanto na hiperglicemia. Entre os dez cães com dados completos, oito responderam com maior frequência quando os níveis glicêmicos estavam fora da faixa alvo. Sete dos nove tutores avaliados posteriormente passaram a apresentar maior proporção de medições dentro da faixa ideal. Concluiu-se com esse estudo que cães treinados podem auxiliar no controle glicêmico e contribuir para a qualidade de vida de pessoas com diabetes, embora o estudo sugira a realização de novas pesquisas adicionais.

No início dos anos 1990, começaram a surgir relatos de cães de estimação que demonstravam sensibilidade espontânea aos episódios epiléticos de seus tutores, divulgados inicialmente em uma publicação voltada a criadores de cães (Pflaumer, 1992). Posteriormente, um primeiro estudo piloto foi realizado, indicando a possibilidade de treinar cães para reconhecer convulsões (Strong et al 1999).

Ao redor do mundo, diversas organizações se dedicam ao treinamento de cães para apoiar indivíduos com epilepsia. Esses animais podem atuar de duas formas principais: como cães de alerta de crises (SAD), que parecem detectar previamente o início de uma convulsão e avisam seus tutores, possibilitando que busquem um local seguro ou adotem medidas preventivas; e como cães de resposta a crises (SRD), capazes de realizar ações específicas durante ou logo após o episódio convulsivo, contribuindo diretamente para a segurança e o bem-estar da pessoa acometida (Catala et al. 2018).

A etiologia subjacente à capacidade de cães preverem ou detectarem eventos epiléticos ainda permanece indefinida. A literatura descreve hipóteses relacionadas, sobretudo, à identificação de pródromos e de alterações neurofisiológicas e comportamentais que precedem o evento ictal. Uma parcela dos indivíduos com

epilepsia relata perceber a iminência de uma crise em função dessas modificações prévias, caracterizadas como fenômenos pré-ictais e consideradas potenciais marcadores clínicos de risco (Petitmengin et al., 2007). Diante disso, propõe-se que cães possam utilizar seus repertórios sensoriais avançados — incluindo percepção olfativa, auditiva e leitura comportamental — para detectar tais alterações sutis, possivelmente captando variações ainda não perceptíveis ao próprio paciente, o que fundamenta a hipótese de sua sensibilidade à detecção precoce de crises epiléticas (Krauss et al., 2007; Strong et al 2000; Catala et al., 2018).

Além de atuar como alertas ou respondedores durante crises epiléticas, sugere-se que cães de assistência possam também influenciar a frequência e a intensidade dos episódios convulsivos. Kirton e colaboradores (2004) observaram que aproximadamente 45% dos tutores relataram melhora clínica após a introdução do animal. De forma semelhante, Strong et al. (2002) conduziram um estudo prospectivo com 10 indivíduos, monitorando a ocorrência de crises tônico-clônicas ao longo de 48 semanas — incluindo 12 semanas de linha de base, 12 semanas de treinamento com o cão e 24 semanas de acompanhamento. Os autores verificaram uma redução média de 43% na frequência das crises após o período final de monitoramento. Contudo, o uso de auto registro em diário e a grande variabilidade interindividual sugerem cautela na interpretação dos resultados. Complementando essas evidências, Kersting et al. (2009) avaliaram nove pacientes e constataram, a partir de relatos dos tutores, que a presença do cão esteve associada à redução dos níveis de ansiedade social, o que, segundo os participantes, refletiu em menor ocorrência de crises epiléticas.

Estudos recentes indicam que proprietários de cães que caminham com seus animais de estimação apresentam maior probabilidade de atender às diretrizes nacionais de atividade física (Schofield et al., 2005). Sob a perspectiva da saúde pública, incentivar a prática de caminhadas com cães como meio de atingir essas diretrizes é particularmente atrativo devido à elevada proporção de indivíduos que convivem com cães, à facilidade e baixo custo dessa atividade, além de ser uma forma de exercício físico de intensidade moderada (Bauman et al., 2011).

4.4 IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR

A ideia de que a convivência com um animal pode promover benefícios à saúde humana, ao bem-estar psicológico e à longevidade é conhecida na literatura como o

“efeito animal de estimação” (Allen, 2003). A área da psiquiatria, por muito tempo, concentrou seus esforços principalmente na identificação e no tratamento de transtornos mentais específicos, como ansiedade e depressão (Northrope et al 2025). No entanto, uma compreensão mais moderna da saúde mental vai além do enfoque exclusivo nas doenças. Essa perspectiva mais ampla reconhece que o bem-estar emocional e psicológico também é parte fundamental do conceito de saúde mental (Gatt et al 2014). Em vez de se pensar na saúde mental apenas como um estágio em um único contínuo entre doença e normalidade, considera-se hoje que ela e a doença mental podem coexistir em diferentes níveis, funcionando como dimensões separadas, embora interligadas (Keyes et al 2005). Dessa forma, ser mentalmente saudável não se resume à ausência de distúrbios, mas envolve também ter uma boa percepção sobre a própria vida e experimentar sensações positivas em relação ao cotidiano (Keyes et al 2005, Gatt et al 2014, Northrop et al 2025).

Estudos têm demonstrado que a convivência com animais de estimação está associada a diversos benefícios psicológicos. Indivíduos que possuem animais tendem a apresentar níveis mais elevados de autoestima, humor mais positivo, maior ambição, maior satisfação com a vida e menores sentimentos de solidão em comparação àqueles que não convivem com animais (El-Alayli, Lystad, Webb, Hollingsworth & Ciolli, 2006).

Barker e colaboradores em seu estudo (2003) indicou que os gatos podem aliviar estados de ânimo negativos de forma comparável à companhia de um parceiro humano; no entanto, apenas o parceiro humano mostrou efeito significativo na intensificação de estados de ânimo positivos. De modo semelhante, em sua outra pesquisa observacional, concluiu-se que os gatos podem contribuir para atenuar sintomas depressivos em adultos solteiros (Turner 1999). Esses achados descritivos sugerem uma possível associação entre a presença de animais de estimação e benefícios relacionados ao humor em determinados grupos populacionais. Barker e Dawson (1998) em seu estudo, relataram uma redução significativa nos níveis de ansiedade em pacientes psiquiátricos hospitalizados, diagnosticados com diferentes transtornos, após uma sessão de 30 minutos de interação com um cão de terapia acompanhado por seu condutor.

4.5 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS COM ANIMAIS

A Intervenção Assistida por Animais (IAA) refere-se a práticas planejadas e estruturadas que incluem animais com objetivos terapêuticos, educacionais ou sociais. A International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO, 2018) classifica as Intervenções Assistidas por Animais (IAA) em três modalidades com base na metodologia empregada. Entre suas modalidades destacam-se a Terapia Assistida por Animais (AAT), conduzida por profissionais com metas terapêuticas bem definidas; a Educação Assistida por Animais (AAE), voltada para contextos pedagógicos e cognitivos; a Atividade Assistida por Animais (AAA), composta por interações informais e recreativas; e o Coaching ou Aconselhamento Assistido por Animais (AAC), destinado ao desenvolvimento pessoal e suporte emocional (IAHAIO, 2018).

O bem-estar dos animais é um elemento central das IAA. Recomenda-se a participação apenas de animais domesticados e socializados, previamente avaliados quanto ao comportamento e temperamento, com atenção constante a sinais de estresse. Além disso, é essencial garantir saúde física e emocional, cuidados veterinários regulares, alimentação adequada, enriquecimento ambiental e condições apropriadas durante as sessões, incluindo descanso e hidratação. Planejar a aposentadoria ou retirada do animal após o período de atuação também é recomendado (IAHAIO, 2018).

A segurança e a ética norteiam toda a prática, exigindo treinamento adequado dos profissionais e handlers, prevenção de riscos e, quando possível, supervisão por comitês de ética. A adoção da abordagem One Health / One Welfare reforça a interconexão entre saúde e bem-estar de humanos, animais e meio ambiente, evidenciando a importância de intervenções responsáveis que promovam benefícios simultâneos para todos os envolvidos (IAHAIO, 2018).

Existem alguns guidelines que norteiam essas práticas. O objetivo do documento é definir de maneira clara os diferentes tipos de Intervenção Assistida por Animais (IAA) e apresentar diretrizes voltadas ao bem-estar dos animais. Busca-se garantir práticas éticas e seguras tanto para humanos quanto para animais, adotando

a abordagem One Health / One Welfare, que reconhece a interconexão entre a saúde e o bem-estar de seres humanos, animais e do meio ambiente (IAHAIO, 2018).

A fundamentação teórica para a implementação das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), ou para a inserção de animais em contextos terapêuticos, educacionais e sociais, apoia-se em evidências dos benefícios potenciais dessas práticas, tais como a redução do estresse e da angústia, bem como o fortalecimento do suporte social percebido. Adicionalmente, as IAA visam alcançar objetivos específicos, como a promoção de mudanças comportamentais, o incremento da motivação, a facilitação da aquisição de novas habilidades, o fortalecimento do senso de comunidade e o estímulo às interações sociais (McCune et al 2014).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é uma abordagem terapêutica que utiliza a interação entre humanos e animais para promover a saúde física, emocional e social, além de melhorar funções cognitivas dos indivíduos (Costa et al 2018). No Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira foi pioneira na utilização de animais em contextos terapêuticos. Em 1946, ela fundou o Serviço de Terapia Ocupacional no Rio de Janeiro, onde passou a empregar gatos como co-terapeutas no cuidado de pacientes com transtornos mentais (Nicoletti e Manuel 2019). Diversos estudos experimentais têm relatado efeitos positivos da Atividade Assistida por Animais (AAA) com cães de terapia em pacientes psiquiátricos hospitalizados. Entre os benefícios observados estão a redução de sintomas como medo e ansiedade, o aumento da adesão à terapia ocupacional e a ampliação de comportamentos pró-sociais (Costa et al., 2018).

A realização de uma avaliação diagnóstica eficaz em ambientes psiquiátricos de internação requer a observação dos pacientes em diferentes situações. Nesse contexto, atividades em grupo, como a Terapia Assistida por Animais (TAA), podem representar uma importante oportunidade de observação clínica, desde que a participação ocorra de forma voluntária (Brickel 1980). Holcomb e Meacham (1989), por meio de uma análise retrospectiva realizada ao longo de 23 meses em uma grande unidade psiquiátrica metropolitana, observaram que o grupo de Terapia Assistida por Animais (TAA) registrou a maior taxa de adesão entre os pacientes internados que optaram por participar de sessões de terapia ocupacional. A intervenção destacou-se, sobretudo, por sua eficácia em engajar pacientes socialmente isolados, independentemente do diagnóstico psiquiátrico. Com base nesses resultados, os

autores concluem que a TAA constitui uma ferramenta valiosa para a observação clínica e a avaliação diagnóstica em contextos de internação psiquiátrica.

Entre 2009 e 2010, foi realizado um estudo em um hospital na Itália com o objetivo de avaliar os efeitos da Terapia Assistida por Animais (TAA) na atividade psicossocial de pacientes idosos (Menna et al 2016). Participaram do estudo 20 pacientes com idades entre 69 e 89 anos, sendo que 70% apresentavam demência, enquanto os demais tinham diagnósticos de depressão e problemas cognitivos (Menna et al 2016). Os cães utilizados na intervenção foram especialmente treinados como coterapeutas, recebendo acompanhamento veterinário regular. As atividades ocorreram em ambientes fechados ou ao ar livre e foram supervisionadas por um veterinário com treinamento em aconselhamento e um médico especializado em sintomas psicológicos (Menna et al 2016).

No início do estudo, foram aplicados questionários de avaliação psiquiátrica e cognitiva, que foram novamente aplicados após seis meses. Os resultados indicaram uma redução nos sintomas de depressão entre os pacientes com deficiências neurológicas (Menna et al 2016). Além disso, ficou evidente que a TAA trouxe benefícios significativos para a autonomia pessoal e função psicológica, especialmente para os idosos hospitalizados, particularmente aqueles com problemas cognitivos e emocionais (Menna et al 2016).

Um estudo realizado na Flórida investigou os efeitos da Terapia Assistida por Animais (TAA) no comportamento social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Participaram 34 crianças, que foram submetidas a 12 semanas de equitação terapêutica. Os pais responderam a questionários para avaliar a gravidade dos sintomas e o funcionamento social das crianças antes e depois da intervenção. Os resultados indicaram que a equoterapia pode ser uma opção terapêutica eficaz para melhorar o comportamento social de crianças com TEA (Bass et al 2009).

Embora o panorama geral ainda não esteja completamente esclarecido, as pesquisas sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA) com pacientes psiquiátricos têm revelado uma série de benefícios de curto prazo. Esses efeitos incluem o aumento da interação social, maior verbalização e engajamento com a equipe e outros pacientes, bem como a facilitação da construção de vínculos interpessoais (Holcomb e Meacham 1989). Além disso, a TAA tem demonstrado contribuir para o fortalecimento

de afetos positivos, oferecendo aos indivíduos a oportunidade de expressar sentimentos em um ambiente seguro e não ameaçador (Barker e Dawson 1998). Outros benefícios incluem maior estimulação sensorial, o incremento da sensação de normalidade, pertencimento e aceitação social, além da indução a estados de relaxamento, com conseqüente redução da pressão arterial. Adicionalmente, a terapia proporciona aos participantes a experiência de aceitação incondicional, mediada pela presença do animal.

4.5.1 TERAPIAS ASSISTIDAS E SUS

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são abordagens terapêuticas voltadas à prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde, com foco na escuta acolhedora, construção de vínculos terapêuticos e na integração entre o ser humano, o meio ambiente e a sociedade. Institucionalizadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC), essas práticas são oferecidas pelo SUS de forma integral e gratuita, abrangendo atualmente 29 procedimentos à população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2025).

O Projeto de Lei 4455/12 em análise foi aprovado na Câmara dos Deputados no ano de 2019, com o objetivo de regulamentar a utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em hospitais públicos e em instituições cadastradas no Sistema Único de Saúde (SUS). A proposta defende que a TAA pode contribuir significativamente para a redução do tempo de internação, o que implicaria em menor custo para o SUS, menor exposição dos pacientes a infecções hospitalares decorrentes de longas internações e uma melhora geral nas condições de recuperação dos indivíduos atendidos (BRASIL, 2019).

A nível federal, a utilização da Terapia Assistida por Animais na reabilitação de pessoas com deficiência foi oficialmente reconhecida por meio da Portaria nº 1.319, publicada em 4 de dezembro de 2018. Nessa ocasião, o Ministério da Saúde, por meio de seu Secretário Executivo, aprovou dois projetos no âmbito do PRONAS/PCD (Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência), os quais incorporam intervenções assistidas por animais como parte dos cuidados terapêuticos oferecidos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Diversas cidades brasileiras, entre elas São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Belo Horizonte, Fortaleza e Petrópolis, implementaram legislações municipais que permitem a presença de animais de estimação em hospitais da rede pública. Essas normas, sancionadas entre 2018 e 2019, autorizam que os pets visitem pacientes internados, reconhecendo os possíveis benefícios terapêuticos dessa interação (MP-SP 2018). Outros hospitais de destaque em São Paulo, como o Albert Einstein, o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas e o Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, já implementaram a Terapia Assistida por Animais em seus serviços. A adoção dessa abordagem tem demonstrado resultados terapêuticos positivos no cuidado aos pacientes (Santos, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação humano-animal revela-se uma prática profundamente significativa e multifacetada, com benefícios amplamente documentados para o desenvolvimento infantil, a saúde mental, o bem-estar geral e os processos terapêuticos. A literatura analisada demonstra que animais de companhia não apenas oferecem suporte emocional e fortalecem vínculos afetivos, como também atuam como agentes facilitadores de interações sociais e promotores de saúde física e psicológica. As Intervenções Assistidas por Animais (IAA), em especial, destacam-se como ferramentas eficazes em contextos clínicos, educacionais e sociais, corroborando sua relevância como prática complementar de cuidado. Com base nas evidências reunidas, torna-se evidente a necessidade de integrar essas abordagens ao planejamento de políticas públicas e ao sistema de saúde, como já vem sendo discutido e implementado em algumas esferas do SUS. Assim, o fortalecimento de iniciativas que envolvam a presença e atuação terapêutica dos animais pode representar um importante avanço na promoção da saúde integral e na humanização das práticas assistenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALLEN, K. Are pets a healthy pleasure? The influence of pets on blood pressure. *Current Directions in Psychological Science*, v. 12, p. 236–239, 2003.
2. ARAÚJO, A. C. F. de; LIMA, M. F.; CAVALCANTE, I. A.; SILVA, A. L. P. da; LACERDA, B. J. M.; ROCHA, K. S. Anthropomorphism and its impacts on dog welfare: A systematic review of the psychophysiological implications of the

- human-animal relationship. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 11, p. e06131147239, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i11.47239.
3. AYLESWORTH, A.; CHAPMAN, K.; DOBSCHA, S. Animal companions and marketing: Dogs are more than just a cell in the BCG matrix! *Advances in Consumer Research*, v. 26, p. 385–391, 1999.
 4. BARKER, S. B.; DAWSON, K. S. The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients. *Psychiatric Services*, v. 49, n. 6, p. 797–801, 1998.
 5. BARKER, S. B.; ROGERS, C. S.; TURNER, J. W.; KARPf, A. S.; SUTHERS-MCCABE, H. M. Benefits of interacting with companion animals: A bibliography of articles published in refereed journals during the past 5 years. *American Behavioral Scientist*, v. 47, n. 1, p. 94–99, 2003.
 6. BASS, M. M.; DUCHOWNY, C. A.; LLABRE, M. M. The effect of therapeutic horseback riding on social functioning in children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 39, n. 9, p. 1261–1267, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-009-0734-3>.
 7. BAUMAN, A. et al. International perspectives on the epidemiology of dog walking. In: JOHNSON, R. A.; BECK, A. M.; McCUNE, S. (Eds.). *The health benefits of dog walking for pets & people*. West Lafayette: Purdue University Press, 2011. p. 25–50.
 8. BEETZ, A.; UVNÄS-MOBERG, K.; JULIUS, H.; KOTRSCHAL, K. Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: The possible role of oxytocin. *Frontiers in Psychology*, v. 3, p. 234, 2012. DOI: 10.3389/fpsyg.2012.00234.
 9. BRICKEL, C. M. A review of the roles of pet animals in psychotherapy with the elderly. *International Journal of Aging and Human Development*, v. 12, n. 2, p. 119–128, 1980.
 10. BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n. 4455/2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=5560843>. Acesso em: 15 maio 2025.
 11. BRASIL. Defere projetos no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência (PRONAS/PCD). Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Portaria n° 1.319, de 04 de dezembro de 2018.

12. BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC-SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p.
13. BRASIL. O Ministério da Saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>. Acesso em: 15 maio 2025.
14. CAIN, A. O. A study of pets in the family system. In: KATCHER, A. H.; BECK, A. M. (Eds.). *New perspectives on our lives with companion animals*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983. p. 351–359.
15. CATALA, A.; COUSILLAS, H.; HAUSBERGER, M.; GRANDGEORGE, M. Dog alerting and/or responding to epileptic seizures: A scoping review. *PLOS ONE*, v. 13, n. 12, p. e0208280, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0208280>.
16. CABRAL, F. G. S.; SAVALLI, C. Sobre a relação humano-cão: fatores culturais, sociais e históricos. *Psicologia USP*, v. 28, n. 2, p. 120–135, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/168597>. Acesso em: 26 nov. 2025.
17. COSTA, M. P.; GATO, F.; RODRIGUES, M. N. Utilização de terapia assistida por animais como ferramenta no tratamento de doenças em humanos: revisão. *Pubvet*, v. 12, n. 1-a1, p. 1–7, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22256/pubvet.v12n1a1.1-7>.
18. DÁLY, B.; MORTON, L. L. An investigation of human–animal interactions and empathy as related to pet preference, ownership, attachment, and attitudes in children. *Anthrozoös*, v. 19, p. 113–127, 2006.
19. EDDY, J.; HART, L. A.; BOLTZ, R. P. The effects of service dogs on social acknowledgments of people in wheelchairs. *The Journal of Psychology*, v. 122, p. 39–45, 1988.
20. EL-ALAYLI, A.; LYSTAD, A. L.; WEBB, S. R.; HOLLINGSWORTH, S. L.; CIOLLI, J. L. Reigning Cats and Dogs: A pet-enhancement bias and its link to pet attachment, pet-self similarity, self-enhancement, and well-being. *Basic and Applied Social Psychology*, v. 28, n. 2, p. 131–143, 2006.
21. ESNAYRA, J. Help from man’s best friend: psychiatric service dogs are helping consumers deal with the symptoms of mental illness. *Behavioral Healthcare*,

2007. Disponível em: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A167419384/AONE?sid=googlescholar>.
22. FOURNIER, A. K.; BERRY, T. D.; LETSON, E.; CHANEN, R. The human-animal interaction scale: Development and evaluation. *Anthrozoös*, v. 29, n. 3, p. 455–467, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/08927936.2016.1181372>.
 23. FRIEDMANN, E.; KATCHER, A. H.; LYNCH, J. J.; THOMAS, S. A. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, v. 95, n. 4, p. 307–312, 1980.
 24. GATT, J. M. et al. The heritability of mental health and wellbeing defined using COMPAS-W, a new composite measure of wellbeing. *Psychiatry Research*, v. 219, p. 204–213, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.05.022>.
 25. GEE, N. R. et al. Preschool children require fewer instructional prompts to perform a memory task in the presence of a dog. *Anthrozoös*, v. 23, p. 173–184, 2010b.
 26. GEE, N. R.; CHURCH, M. T.; ALTOBELLI, C. L. Preschoolers make fewer errors on an object categorization task in the presence of a dog. *Anthrozoös*, v. 23, p. 223–230, 2010a.
 27. GEE, N. R.; HARRIS, S. L.; JOHNSON, K. L. The role of therapy dogs in speed and accuracy to complete motor skills tasks for preschool children. *Anthrozoös*, v. 20, p. 375–386, 2007.
 28. GEE, N. R.; SHERLOCK, T. R.; BENNETT, E. A.; HARRIS, S. L. Preschoolers' adherence to instructions as a function of presence of a dog and motor skills task. *Anthrozoös*, v. 22, p. 267–276, 2009.
 29. GOMES, C. M. S.; SEMEDO, A. D.; CAETANO, M. E. T.; TOKUMARU, R. S. Intervenções assistidas por animais na América Latina: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 29, e0155, 2023.
 30. GRANDGEORGE, M. et al. Social rivalry triggers visual attention in children with autism spectrum disorders. *Scientific Reports*, v. 7, n. 1, p. 10029, 2017. DOI: 10.1038/s41598-017-09745-6.
 31. GRIFFIN, J. et al. Scientific research on human-animal interaction. In: McCARDLE, P. et al. (Eds.). *Animals in our lives: Human–animal interaction in family, community, and therapeutic settings*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Company, 2011. p. 227–236.

32. GROENEWOUD, D. et al. Children's bond with companion animals and associations with psychosocial health: A systematic review. *Frontiers in Psychology*, v. 14, 1120000, 2023. DOI: 10.3389/fpsyg.2023.1120000.
33. HART, L. A.; HART, B. L.; BERGIN, B. Socializing effects of service dogs for people with disabilities. *Anthrozoös*, v. 1, n. 1, p. 41–54, 1987.
34. HERGOVICH, A.; MONSCHEIN, T.; ZAKI, A. The effects of the presence of a dog in the classroom. *Anthrozoös*, v. 15, p. 37–50, 2002.
35. HEMSWORTH, P. H.; BARNETT, J. L.; COLEMAN, G. J. The human-animal relationship in agriculture and its consequences for the animal. *Animal Welfare*, v. 2, n. 1, p. 33–51, 1993.
36. HOLCOMB, R.; MEACHAM, M. Effectiveness of an animal-assisted therapy program in an inpatient psychiatric unit. *Anthrozoös*, v. 2, p. 259–264, 1989.
37. JACOBSON, K.; CHANG, S. Associations between pet ownership and attitudes toward pets with youth socioemotional outcomes. *Frontiers in Psychology*, v. 9, p. 2304, 2018. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.02304.
38. KATCHER, A. H.; FRIEDMANN, E.; BECK, A. M.; LYNCH, J. J. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, v. 95, n. 4, p. 307–312, 1983.
39. KENDLER, K. S. et al. Mental illness and/or mental health? Investigating axioms of the complete state model of health. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 73, p. 539–548, 2005.
40. KEYES, C. L. M. Mental illness and/or mental health? Investigating axioms of the complete state model of health. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 73, n. 3, p. 539–548, 2005.
41. KERSTING, E. et al. Judging the effect of epilepsy-seizure alert dogs on human well-being by a self-administered questionnaire. *Journal of Veterinary Behavior*, v. 4, n. 2, p. 84, 2009.
42. KIRTON, A. et al. Seizure-alerting and-response behaviors in dogs living with epileptic children. *Neurology*, v. 62, n. 12, p. 2303–2305, 2004.
43. KOTRSCHAL, K.; ORTBAUER, B. Behavioral effects of the presence of a dog in a classroom. *Anthrozoös*, v. 16, n. 2, p. 147–159, 2003.
44. LEVINSON, B. M. *Pet-Oriented Child Psychotherapy*. Springfield, Ill.: Charles C. Thomas, 1969.

45. LEVINSON, B. M. *Pets and Human Development*. Springfield, Ill.: Charles C. Thomas, 1972.
46. MARTIN, F.; FARNUM, J. Animal-assisted therapy for children with pervasive developmental disorders. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 657–670, 2002.
47. MARSHALL, C. B. Application of psychiatric service dogs in mental health care. 2012. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/c6cdce48cab5b5c6324cd2b1f7808490/1>.
48. McCUNE, S.; KRUGER, K. A.; GRIFFIN, J. A.; ESPOSITO, L.; FREUND, L. S.; HURLEY, K. J.; BURES, R. Evolution of research into the mutual benefits of human–animal interaction. *Animal Frontiers*, v. 4, n. 3, p. 49–58, 2014.
49. MENNA, L. F.; SANTANIELLO, A.; GERARDI, F.; DI MAGGIO, A.; MILAN, G. Evaluation of the efficacy of animal-assisted therapy based on the reality orientation therapy protocol in Alzheimer’s disease patients: a pilot study. *Psychogeriatrics*, v. 16, n. 4, p. 240–246, 2016.
50. MELSON, G. F. Availability of and involvement with pets by children: determinants and correlates. *Anthrozoös*, v. 2, n. 1, p. 45–52, 1988. DOI: 10.2752/089279389787058181.
51. MELSON, G. F. *Why the Wild Things Are: Animals in the Lives of Children*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.
52. MITCHELL, R. W.; REED, E.; ALEXANDER, L. Functions of pointing by humans, and dogs’ responses, during dog-human play between familiar and unfamiliar players. *Animal Behavior and Cognition*, v. 5, n. 2, p. 181–200, 2018.
53. NICOLETTI, M. A.; MANUEL, P. R. Terapia assistida por animais (TAA) ou Atividade assistida por animais (AAA): incorporação nas práticas integrativas e complementares no SUS. *Infarma – Ciências Farmacêuticas*, v. 31, n. 4, p. 248–258, 2019.
54. NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH (NIH). *Health Benefits of Pets: Summary of a Working Group*. Washington, DC, 1987.
55. PAUL, E. S.; SERPELL, J. A. Testing hypotheses about pet-keeping and human behaviour: childhood pet-keeping and humane attitudes in young adulthood. *Animal Welfare*, v. 5, p. 321–337, 1996.

56. PETITMENGIN, C.; NAVARRO, V.; LE VAN QUYEN, M. Anticipating seizure: Pre-reflective experience at the center of neuro-phenomenology. *Consciousness and Cognition*, v. 16, n. 3, p. 746–764, 2007.
57. PFLAUMER, S. Seizure-alert dogs. *Dog World*, v. 77, n. 1, p. 42–43, 1992.
58. PUREWAL, R. et al. Companion animals and child/adolescent development: A systematic review of the evidence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 14, n. 3, p. 234, 2017. DOI: 10.3390/ijerph14030234.
59. ROBIN, M.; TEN BENDEL, R. Pets and the socialization of children. *Marriage and Family Review*, v. 8, n. 3–4, p. 63–78, 1985.
60. RODRIGUEZ, K. E.; GREER, J.; YATCILLA, J. K.; BECK, A. M.; O’HAIRE, M. E. The effects of assistance dogs on psychosocial health and wellbeing: a systematic literature review. *PLOS ONE*, v. 16, n. 8, e0256071, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0256071.
61. ROONEY, N. J.; MORANT, S.; GUEST, C. Investigation into the value of trained glycaemia alert dogs to clients with type I diabetes. *PLOS ONE*, v. 8, n. 8, e69921, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0069921>.
62. ROBINS, D. M.; SANDERS, C. R.; CAHILL, S. E. Dogs and their people: pet-facilitated interaction in a public setting. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 20, n. 1, p. 3–25, 1991.
63. ROLLIN, B. E. *Animal rights & human morality*. Prometheus Books, 2010.
64. SANDERS, C. R. Actions Speak Louder Than Words: Close Relationships between Humans and Nonhuman Animals. *Symbolic Interaction*, v. 26, n. 3, p. 405–426, 2003.
65. SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estud. psicol. (Natal)*, v. 8, n. 1, p. 107–115, 2003.
66. STALLONES, L.; MARX, M. B.; GARRITY, T. F.; JOHNSON, T. P. Pet Ownership and Attachment in Relation to the Health of U.S. Adults 21 to 64 Years of Age. *Anthrozoös*, v. 2, n. 2, p. 100–112, 1988.
67. STOCKS, A. E. Can dogs help patients with hypoglycaemia? *Diabetologia*, p. A79, 2002.
68. STRONG, V.; BROWN, S. W. Should people with epilepsy have untrained dogs as pets? *Seizure*, v. 9, n. 6, p. 427–430, 2000.

69. STRONG, V. et al. Effect of trained Seizure Alert Dogs on frequency of tonic-clonic seizures. *Seizure*, v. 11, n. 6, p. 402–405, 2002.
70. VAHN HOUTTE, B. A.; JARVIS, P. A. The role of pets in preadolescent psychosocial development. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 16, n. 3, p. 463–479, 1995.
71. VOITH, V. L. Human/animal relationships. In: ANDERSON, R. S. (Ed.). *Nutrition and behavior in dogs and cats*. Oxford: Pergamon Press, 1983. p. 147–156.
72. VORMBROCK, J. K.; GROSSBERG, J. M. Cardiovascular effects of human–animal interaction: a review. *Journal of Behavioral Medicine*, v. 11, n. 5, p. 509–529, 1988.
73. WALLACE, J. R.; CUNNINGHAM, T. F.; DEL MONTE, V. Changes in the relationship between self-esteem and locus of control. *The Journal of Social Psychology*, v. 124, n. 2, p. 261–262, 1984.
74. WAIBLINGER, S.; BOIVIN, X.; PEDERSEN, V.; TOSI, M.-JANCZAK, A. M. VISSER, E. K.; JONES, R. B. Assessing the human–animal relationship in farmed species: a critical review. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 101, n. 3–4, p. 185–242, 2006. DOI: 10.1016/j.applanim.2006.
75. WELLS, D. L. The effects of animals on human health and well-being. *Journal of Social Issues*, v. 65, n. 3, p. 523–543, 2009.
76. WELLS, D. L. The state of research on human–animal relations: implications for human health. *Anthrozoös*, v. 32, p. 169–181, 2019.